

## **CHIZIANE E EVARISTO – ESCRITAS DE REISTÊNCIA.**

Rosália Diogo

Professora de Ensino Fundamental da prefeitura de B.H

Doutoranda em Literatura – PUC/MG

Email:rosaliadiogo@gmail.com

Palavras chaves – reistência – diáspora - literatura

Pretendo apresentar, por meio de análise comparada, uma reflexão sobre a produção literária das escritoras Paulina Chiziane, de Moçambique e Conceição Evaristo, do Brasil. As obras eleitas para estudo comparado, considerando a diáspora são- Niketche:uma história de Poligamia, de Chiziane e Ponciá Vicêncio, de Evaristo. Parto do entendimento de que encontramos, de maneira contundente, na obra das duas as marcas do feminino, bem como a presença da crítica social às relações de poder e dominação masculino, branco e colonial pelas quais é ou foi, submetida a mulher nos dois continentes. Desvelarei também as pesquisas já realizadas por mim das leituras críticas acadêmicas de dissertação e teses elaboradas nas principais universidades dos dois países.

Key words - resistance - diaspora – literature

I intend to present, through comparative analysis, a reflection on literary production of writers Pauline Chiziane, from Mozambique and Conceição Evaristo, from Brazil. The works chosen for study compared, considering the diaspora, are: "Niketche: one story of polygamy", of Chiziane and "Ponciá Vicêncio", of Evaristo. I begin of understanding that we found so striking in the work of two, marks of the feminine and the presence of social criticism to power relations and male, white and colonial domination, by which is or was submitted the women on both continents. I will unveil also researches that I did for the critical readings academic dissertations and theses produced in the main universities of both countries.

## 1- Introdução

Antes de qualquer outro motivo o que me move para esta proposta de estudo acadêmico é o fato de ser mulher, negra e professora . Essas condições, instigam e movem-me para a busca de pesquisas que possam corroborar com as reflexões cotidianas sobre relações raciais no Brasil e no mundo. Sendo assim, proponho estudar a complexidade da condição humana e a percepção fundamentada do quadro histórico social da mulher negra.

Pretendo apresentar, por meio de análise comparada, uma reflexão sobre a produção literária das escritoras Paulina Chiziane, de Moçambique e Conceição Evaristo, do Brasil. Parto do entendimento de que encontramos, de maneira contundente, na obra das duas as marcas do feminino, bem como a presença da crítica social às relações de poder e dominação masculino, branco e colonial pelas quais é ou foi, submetida a mulher nos dois continentes. O corpus do trabalho de pesquisa prevê a leitura de toda a produção literária das duas escritoras, bem como a fortuna crítica acerca dessas produções. A leitura crítica por meio das pesquisas acadêmicas de dissertação e teses elaboradas nas principais universidades dos dois países.

A pesquisa impõe à literatura o diálogo com o terreno das relações étnicas, de gênero, da cultura e da literatura. Constituem-se, assim, numa interpretação de imagens socialmente produzidas e reconhecidas a partir dos conceitos de ideologia, gênero, cotidiano e racismo como pontos de partida para analisar a formação identitária da mulher, no caso da sociedade moçambicana e da mulher negra, na situação brasileira.

O foco principal da pesquisa será a obra “**Niketche**: uma história de Poligamia“ (2004), de Paulina Chiziane, por ser a obra que apresenta mais diretamente e recorrentemente, as relações entre o masculino e o feminino, sem perder de vista o olhar sobre as demais tensões sociais presentes em Moçambique. Já **Ponciá Vicêncio** (2003), de Conceição Evaristo instiga-nos por narrar problemas do cotidiano das mulheres negras afrobrasileiras sob um ponto de vista feminino. Penso que estudos relacionados à temática das relações afrobrasileiras, necessitam aproximar-se dos estudos que investigam a exclusão e estigmatização de negros e negras na África e no Brasil. Dessa forma justifica-se a escolha dos romances em questão.

Fonseca (2008) ao analisar a escrita de Evaristo observa que a escritora em alguns de seus poemas, retoma a sua história de vida, e traz para o espaço da letra as vozes, os lamentos e revoltas de mulheres negras com o propósito de alterar a tradição. Tais leituras são possíveis de ser lidas diretamente no poema *Vozes mulheres*,

A voz de minha filha  
recolhe em si a fala e o ato.  
O ontem – o hoje- o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida – liberdade.  
(EVARISTO, 1990, p.32-33).

Considero fundamental aprofundar as reflexões sobre a fortuna crítica acerca das produções a partir do pós-colonial, no que refere-se aos países africanos de língua portuguesa, sobretudo por meio dos estudos de Mata (2006), que aponta a necessidade de a literatura deixar de ser meramente ficcional e passar a enunciar problemas políticos, ético-morais, socioculturais, ideológicos e econômicos. Dentre as obras que a crítica literária considera que baralha os “canônicos” eixos da dimensão prazerosa e geneológica do prazer estético e da função sociocultural e histórica, indo além da ficcionalidade, encontra-se **Niketche**: uma história de Poligamia, de Paulina Chiziane. A pensadora afirma ainda que os estudos literários africanos de língua portuguesa têm insistido em “considerar as literaturas a partir de um lugar ideologicamente do poder e do contrapoder” (MATA, 2003, p. 43).

Paulina Chiziane nasceu em 1944, em Manjacaze, província de Gaza, sul de Moçambique. Escreveu alguns contos e estreou no romance com a obra “Balada de amor ao vento (1990). Publicou ainda “Os ventos do Apocalipse” ((1995), “O Sétimo Juramento” (1999), “**Niketche**: uma história de poligamia” (2004, e recentemente, no ano de 2008, “O alegre canto da perdiz”. Foi a primeira mulher moçambicana a publicar um romance. Dessa forma a escritora desafiou e desafia críticas e resistências sociais e culturais, no seu país, no continente africano e porque não, no Brasil.

A escritora Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, em 1946, numa favela no alto da Avenida Afonso Pena, área valorizada da capital. Formou-se professora no antigo curso Normal, em 1971, e depois mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi aprovada em um concurso municipal para magistério e posteriormente, no curso de Letras na Universidade Federal daquele Estado. A autora publica poemas e contos na coletânea *Cadernos Negros* desde 1990, e é chamada para palestras e congressos em

todo o Brasil e no exterior, nos quais aborda as questões de gênero e etnia na literatura brasileira. *Ponciá Vicêncio* é o primeiro romance de Conceição Evaristo e vem sendo tema de artigos, pesquisas de dissertações e teses e discussões no meio acadêmico desde sua publicação em 2003. Além da indicação ao vestibular 2008 da UFMG, o livro foi publicado recentemente em inglês.

## **2. Referencial Teórico**

Segundo Houaiss (2009) resistência significa: recusa a submeter-se à vontade de outrem; oposição, reação; aquilo que causa embaraço, que se opõe. É por essa perspectiva que inscrevemos a escrita de Evaristo e Chiziane, e as leituras que buscamos e buscaremos balizar-nos ao longo do trabalho de pesquisa. Entendemos que a escrita literária das escritoras assumem essa posição ideológica.

A escrita de Chiziane e Evaristo é marcada pelo cruzamento de sentidos, provocando diálogos relevantes entre a literatura e outras áreas de conhecimento. As áreas que são possíveis detectar com maior veemência, esses enlaces são os Estudos Culturais, a Antropologia, a História, a Sociologia e a Filosofia. Para o nosso trabalho de pesquisa, uma parte significativa da nossa recolha de leituras e diálogos serão com esses campos de conhecimento.

A empiria fez-nos verificar que são as áreas que nos permitiram ler melhor as obras de Chiziane e Evaristo, por tratarem-se de investigações acerca dos processos sociais vividos pelos sujeitos. Partindo dessa suspeita, pesquisamos até o momento, nove dissertações e teses acerca das obras das escritoras e pudemos constatar que são vinculadas, sem exceção, às áreas das Letras/Filosofia/História/Educação.

Ao nosso ver é imperativo as reflexões de Foucault (1979), quando refere-se às relações de poder nas sociedades. Para o filósofo, o poder circula nas e pelas relações sociais, não podendo ser interpretado como algo delegado permanentemente a uma determinada pessoa. As obras das escritoras parecem apresentar-nos possibilidades de chaves de leituras para compreender as tensões presentes nas relações de poder masculino e /ou branco nesses dois continentes, com ressalvas à especificidade de cada lugar.

Interessa-nos, ainda, melhor compreender as relações raciais entre Brasil e África, bem como um pouco da dinâmica da sociedade africana, no caso em questão, por meio de Moçambique. Consideramos a necessidade de apontar as tensões existentes nas relações femininas de mulheres negras, no caso do Brasil. Verificaremos na pesquisa, os conflitos vividos por mulheres escritoras na África, sobretudo em

Moçambique. Atentaremos ainda, ao conceito e debate sobre gênero e literatura negra/ afro-brasileira ou afro-descendente.

Para melhor compreender a seara da produção literária das escritoras, já que consideramos que é possível articular chaves de leitura com outras áreas do conhecimento, buscaremos a Sociologia, a Antropologia e a História para entendermos as relações raciais no Brasil. Existe um projeto em curso, liderado, sobretudo, há décadas pelo movimento social negro e recentemente pelo governo com vistas a combater a desigualdade racial e o reconhecimento e valorização de manifestações culturais associadas à origem africana.

### **2.3- A Literatura Negra de Evaristo**

Fonseca (2009) aponta que a literatura produzida por algumas escritoras negras no Brasil procuram trazer para o texto, experiências negativas das suas vidas. Normalmente são relatos oriundos das experiências relacionadas à violência, que essas escritoras experimentaram ou experimentam na vida privada e pública. Fonseca considera ser essa, a construção literária afro-brasileira que assume um embate tenso com os referenciais valorizados pela sociedade nacional.

No espaço da literatura criam-se condições para o conhecimento de um universo de imagens ligada a pequenos gestos, importante para a reconstrução de histórias de vida esquecidas mesmo em projetos que têm como, os Cadernos Negros, o objetivo de abrir espaços para a literatura produzida por negros e afrodescendentes. Soterrada muitas vezes pela urgência da denúncia, a voz das mulheres negras escritoras ecoou, em muitos momentos, o brado pela liberdade de um povo, e engrossou a denúncia da exclusão. (FONSECA, 2009, p. 311).

Para saber um pouco mais sobre a literatura feminina que desvela as tensões presentes nas mazelas pelas quais é submetida a mulher negra (Duarte, 2009), recorreu à leitura dos Cadernos Negros. Sobre a obra de Conceição Evaristo, concluiu que ela contém as marcas identitárias, que a partir das imbricações de gênero, classe e etnicidade, permitem-nos verificar a representação da violência familiar e doméstica. A autora comenta o conceito “escrevivência”, criado por Evaristo e que implica em escrever a existência, o que constituiu o acúmulo de tudo que a escritora ouviu, viu e viveu desde a infância.

Para Duarte na tríade- gênero, classe e etnia- residem as bases para a leitura do que ela classifica como “segunda história” que permeia os escritos de Evaristo. No dizer da escritora a literatura de autoria assumidamente negra – como esta assinada por Conceição Evaristo, - ao mesmo tempo projeto-político e social, testemunho e ficção, “inscreve-se de forma definitiva na literatura nacional” (DUARTE, 2009, p. 322).

Em **Poncia Vicêncio** (2003), Evaristo conduz a personagem principal, que dá nome ao livro, desde a sua infância até a idade adulta. A obra desvela-nos situações permeadas por exclusão racial, de gênero e de classe. Pensamos que o personagem Ponciá dá voz aos vencidos, que encontram na literatura um dos poucos caminhos possíveis para a construção de um mundo seu, onde os compassos que dão vida a esse universo foram delineados a partir de suas próprias experiências. Ponciá reclama por suas origens e por sua história, silenciada por quem apenas registrou somente acontecimentos em que, na maioria das vezes, a elite branca masculina esteve presente.

Entendemos, ao propor esta pesquisa de tese que a imagem de mulher figurada em **Rami, da obra Niketche**: uma história de poligamia e em **Ponciá Vicêncio**, protagonista do romance de Evaristo, sugere a idéia de sujeitos femininos que lutam cotidianamente pela sua sobrevivência. Cada uma a seu modo de acordo com seu tempo e contexto social.

#### **2.4 -Literatura Africana**

Para Fonseca e Moreira, citando pesquisa de Patrick Chabal, a relação do escritor africano, de literaturas africanas de língua portuguesa, com a oralidade, culmina com quarta fase. Tal fase, caracteriza-se pela consolidação do trabalho que se fez em termos literários, momento em que os escritores procuram traçar os novos rumos para o futuro da literatura dentro das coordenadas de cada país, e faz parte ainda, do esforço para garantir para essas literaturas nacionais, o lugar que lhes compete no cenário universal. Entendemos que aí se situa a obra de Paulina Chiziane.

Podemos perceber na encenação literária dos autores moçambicanos algumas marcas da realidade desse país: a profunda crise econômica e cultural que acompanha o cotidiano daquela sociedade, durante e depois da guerra civil, a problematização acerca da instabilidade na qual está mergulhado o povo, a corrupção em todos os níveis de poder, as injustiças como consequência de um racismo étnico, a subserviência perante o estrangeiro, a perplexidade face às rápidas mudanças sociais, o desrespeito pelos valores tradicionais, a despersonalização, a miséria, o neologismo, tradição oral africana, dentre outros.

Taborda (2005), em seu trabalho de pesquisa acerca da escrita moçambicana dos anos 1900 argumenta que as escritas desses autores e autoras é marcada por figurar um mundo fragmentado. Esses fragmentos referem-se às guerras étnicas, colonial e civil pós-independência, por pragas, por doenças hereditárias, pela violência do processo de aculturação, pelo embate entre os valores da cultura tradicional africana e os que a

sociedade moderna busca adquirir. A autora afirma que é possível observar ainda na ficção dos escritores moçambicanos, traços da sujeição a novas práticas religiosas, a assimilação linguística e cultural. „Não obstante, é possível verificar um mundo erguido por uma intensa aspiração à harmonia nos modos de viver e de ser“ (TABORDA, 2005, p. 19).

A pesquisadora indica-nos ainda que em moçambique se entrecruzam tradições e contradições que denotam a diversidade que se lê nos textos ficcionais. Para ela, o discurso político absorve os outros textos e também integra-no na sua finalidade, partilhando espaços. Outras marcas que Taborda indica-nos a observação dos escritos moçambicanos, é a que diz respeito à heterogeneidade da herança cultural, o cruzamento de tradições culturais e ideológicas distintas.

### **2.5 – A escrita feminina de Chiziane**

Chiziane inaugura a publicação do romance de autoria feminina ocupando, na atualidade, um lugar desconfortável que é o de escritora, em uma sociedade que insiste em manter um distanciamento entre o lugar que compete à mulher e o homem. Chiziane utiliza-se da encenação literária para falar sobre sobre “sua África”, para usar as palavras da própria escritora. É essa posição ideológica da escritora que instiga a mim e a várias sujeitos sociais tentarem compreender melhor o lugar ocupado pela mulher em sua cultura.

É possível perceber na produção literária de Chiziane os deslocamentos de papéis pré-estabelecidos, e a complexidade dos processos culturais em Moçambique. Leite (2003) considera como fundamental o espaço conquistado por mulheres negras, de escreverem suas histórias, simbolizando a ampliação de um espaço que sempre esteve restrito ao homem, e que só agora, no período pós-colonial, conquista visibilidade. É o caso de Chiziane, que demonstra não ser necessário que outros digam o que são e o que vivem, se elas, mulheres podem fazê-lo. Acreditamos que a escrita dela exprime o fruto de uma relação desigual, de exclusão, de rejeição por sua condição feminina e de exploração. Trata-se de demonstrar a multiplicidade das relações sociais e a singularidade das identidades sociais que não podem prescindir de problematizar a dimensão do gênero.

### **2.6 - Relações de gênero**

Pensamos ser crucial enveredar sobre os conceitos e tensões que envolvem as relações de gênero no Brasil e em Moçambique. No caso brasileiro, embora seja bastante familiar para o movimento de mulheres negras, estudiosos e especialistas que tratam

dessa questão, tanto na sociedade civil quanto no âmbito das políticas públicas, o termo gênero é relativamente novo para a maioria das pessoas. Foi só a partir da década de 80 que os trabalhos acadêmicos passaram a abordar esta questão de forma sistematizada, e para tanto, contou com as contribuições de diferentes áreas do conhecimento humano e também do próprio movimento feminista.

Gênero é uma concepção que se destina a desnaturalização do fenômeno que tenta justificar política e ideologicamente as desigualdades sociais com base no sexo (Louro 1997). Sexo, sem as implicações sociais, refere-se ao fisiológico e não comporta especificidades culturais e determinações de papéis masculinos e femininos, restringindo-se assim, simplesmente, ao componente biológico que distingue macho e fêmea na espécie humana, como na maioria das espécies biológicas, e na forma de reprodução dessa espécie. Desta forma, no que concerne à reprodução biológica, é evidente que existem diferenças palpáveis (gestão, o parto, menstruação) entre o macho e a fêmea, mas isso não justifica que, a partir dessa diferença, se construam modelos de relações sociais de gênero que impliquem na subordinação de um sexo a outro.

As relações sociais de gênero ligam-se a outros tipos de relações sociais, que geralmente em sociedades de classes como o Brasil são desiguais. Assim, podemos dizer que não existe uma universalidade entre as mulheres, pois devemos considerar as conjunturas de classe, étnico-culturais. Ou melhor, a realidade das mulheres é similares na sua condição de gênero, mas as discriminações agravam-se se as mesmas são pobres, negras, indígenas ou ciganas de acordo com as conjunturas históricas, econômicas e sociais vividas.

O Censo de 2000 informa que o Brasil tem uma população de 169.799.170 de habitantes, deste total 86.233.155 são mulheres e entre a população feminina 37.602.461 são mulheres negras. Ainda que as mulheres formem a significativa parcela de 51% da população brasileira, os indicadores de desigualdades observados com o recorte de gênero e raça continuam confirmando dados assustadores que visibilizam a situação precária das mulheres no acesso a áreas como saúde, trabalho e cultura.

De acordo com a pesquisa Retrato das Desigualdades – Gênero e Raça, realizada pelo Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem) e pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea), divulgada no final de 2005, no ano de 2003, as mulheres recebiam cerca de dois terços do salário dos homens (média de R\$ 695,4 para os homens e de R\$ 439,9 para as mulheres). Outro fato importante é que a baixa escolaridade não pode ser utilizada como justificativa para essas diferenças salariais,

pois as mulheres têm em média um ano a mais de escolaridade que os homens e melhores condições educacionais em todos os indicadores.

No que refere-se à relações de gênero em Moçambique temos como referência inicial a obra “ Eu mulher em Moçambique” (1994), que aponta por meio de várias autoras, incluindo Paulina Chiziane, a necessidade de que, progressivamente a mulher se transforme num elemento activo sem o qual, toda a política de desenvolvimento permanecerá inviável. O livro foi gerado durante a guerra, um fértil momento de transformação social e consolidação da paz. Nesse trabalho, em um dos trechos do artigo de Chiziane, intitulado “Eu, mulher... por uma nova visão do mundo”, propõe que a sua maior realização “virá no dia em que conseguir lançar na terra fértil a semente da coragem e da vontade de vencer nos corações das mulheres que pertencem à geração do sofrimento’ ( CHIZIANE, 1994, 13).

Em outra passagem a escritora sinaliza que “ apesar das grandes diferenças na educação da casa e da escola, “encontrei harmonia na matéria que dizia respeito ao lugar da mulher na vida e no mundo” ( CHIZIANE, 1994, 14). São incursões na escrita de Chiziane que denotam desde há muito,o seu compromisso em construir espaços de discussão sobre o lugar da mulher em Moçambique com vistas a que esse lugar permita uma condição libertária.

Buscando mudanças, órgãos como a Organização da Mulher Moçambicana - OMM, criada pela, Frente de Libertação de Moçambique -FRELIMO, o PMD Projecto Mulheres em Desenvolvimento, a Conferência das Religiosas Moçambicanas-CONFEREMO e o Conselho Cristão de Moçambique- CCM; além de associações como a Associação das Donas de Casa- ADOCA, a Associação de Mulheres Empresárias e Executivas –ACTIVA, a Associação para a Promoção do Desenvolvimento Sócio-Económico das Mulheres- MBEU e a Associação Mulher, Lei e Desenvolvimento-MULEIDE estão envolvidos em projetos orientados para a melhoria das condições legais de cidadania para a mulher moçambicana.

## **2.7 Tensões identitárias e diáspóricas**

Acreditamos ser fulcral os estudos sobre identidade e diáspora para o nosso projeto de tese, na medida em que abordaremos a escrita de uma mulher africana e de uma brasileira. Estudos sobre a diáspora têm sido apresentados no contexto dos estudos Culturais por teóricos como Gilroy (2001), Hall (2003), Babha (1998). O termo, que também aparece na Bíblia pode ser usado ainda nos estudos afro-brasileiros. Afinal,

todos essas histórias são narrativas de libertação e dispersão de povos. O pensamento recente sobre o conceito de diáspora discute a questão do pertencimento, do conceito de raça e propõe uma reflexão mais ampla e ambivalente em relação ao nacionalismo e às identidades.

Gilroy afirma que as fronteiras culturais foram alargadas e “a idéia de diáspora se tornou agora integral a este empreendimento político, histórico e filosófico descentrado, ou, mais precisamente, multi-centrado” ( GILROY,2001, 17). Já Hall considera que “na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas” (HALL,2003, 27), elas não são, portanto, fixas e,num contexto diaspórico, carregam consigo a disseminação e o espalhamento que acaba multiplicando-as. Além disso, o conceito de identidade está relacionado ao conceito de memória individual.

Interessa-nos ainda os debates promovidos por Haraway ( 1993), no sentido de que ninguém constrói sua identidade de maneira isolada. Os sujeitos formam-se a partir de constantes ligações e trocas com outrem, sejam entre homens e mulheres, brancos e negros ou outros.

È possível buscar uma aproximação, a partir das reflexões desses teóricos com a problematização proposta por Bhabha (1998), segundo a qual o espaço é um limítrofe, localizado no meio das designações de identidade, e que permite o processo de interação simbólica que constrói a diferença entre superior e inferior, negro e branco etc. Para o pensador, o trânsito entre identificações fixas evita que as identidades se estabeleçam como polaridades primordiais e abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta.

Hall (2003), aponta que a a identificação é um processo de articulação, uma sobredeterminação, uma falta, mas não um ajuste completo, uma totalidade. O “herói” tem buscado nos últimos passos que o aproximam da terra natal, elementos que possam aproximá-lo de alguma forma da vivência relacionada à sua infância.

### **3.- Referências bibliográficas**

- BERND, Zilá. Introdução à literatura negra. São Paulo: Brasiliense, s/d.
- BHABHA. Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

CHABAL, Patrick. O desenvolvimento da literatura moçambicana. *Vozes moçambicanas*: 1994. p.12-18

CHIZIANE, Paulina. Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo. In: AFONSO, Ana Elisa de Santana (Coord.). *Eu, mulher em Moçambique*. República de Moçambique: Comissão Nacional para a UNESCO em Moçambique e Associação dos Escritores Moçambicanos: 1994.

Duarte, Eduardo de Assis. Machado de Assis afro-descendente – escritos de caramujo (antologia). Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas / Crisálida, 2007.

DUARTE, Constância Lima. Gênero e violência na literatura afro-brasileira. In.:

TORNQUIST, Carmem Susana... [et al.] org. *Leituras* p. 315-323.

de resistência: corpo, violência e poder. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009.

p. 293-313.

EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Belo Horizonte: Mazza, 2003

FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Mazza/PUC-MG, 2002.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Embates na cena literária: a arte de

resistir à exclusão. In.: TORNQUIST, Carmem Susana... [et al.] org. *Leituras*

de resistência: corpo, violência e poder. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009.

p. 293-313.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34 . 2001.

Jaccoud, Luciana. *A construção de uma política de promoção da igualdade racial: uma análise dos últimos 20 anos*. Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada. Brasília: Ipea, 2009.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG : Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003a.

Moreira, Terezinha Taborda. *O Vão da voz : a metamorfose do narrador na ficção moçambicana*. Belo Horizonte : Editora PUC Minas; Belo Horizonte: Edições Horta Grande Ltda, 2005.

MUNANGA, Kabenguele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*. Petrópolis : Vozes. 2003.